



1950

PROJETO DE LEI N. 12.664/2013

A Câmara Municipal de Maringá, Estado do Paraná,

APROVA:

Outorga ao Senhor João da Silva o Título de Cidadão Benemérito de Maringá.

Art. 1.º Fica outorgado ao **Senhor João da Silva** o Título de Cidadão Benemérito de Maringá.

Art. 2.º O Diploma, a ser conferido nos termos do artigo anterior, ser-lhe-á entregue em sessão solene, em data previamente fixada pelo Presidente do Legislativo Municipal.

Art. 3.º Para fazer face às despesas decorrentes da execução desta Lei, a Mesa Executiva da Câmara Municipal fica autorizada a utilizar-se de dotação própria, consignada no Orçamento vigente.

Art. 4.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Vereador Ulisses Bruder, 22 de abril de 2013.

ULISSES DE JESUS MAIA KOTSIFAS
Vereador-Autor

Belu Bruder

Alcides

Carla

Prante

Luizna Brito

Luizna Brito

Luizna Brito

Poderosas empresas que foram fundadas na década de 1950 em Maringá, já fecharam as portas. Mas uma pequena casa comercial, aberta no início de 1950 por portugueses, ainda resiste. Difícil imaginar que alguém, em pleno 2013, entraria num estabelecimento para comprar um lampião. Mas para o dono da Casa Estrela, João da Silva, um português de nascimento que chegou a Maringá em 1954 e adquiriu a casa que pertencia a Francisco Lorga, na Avenida Riachuelo esquina com a Rua Santos Dumont, isto ainda pode acontecer, sim. “É para quando faltar força”, justifica com simplicidade o senhor de 89 anos, que atende a clientela ao lado do filho Sérgio. Se o freguês pedir, ele não hesita em escalar uma escada comprida para buscar uma garrafa de vinho ou uma panela de ferro no alto da prateleira. Disposição ainda há para trabalhar e servir aos amigos que ali se encontram praticamente todos os dias.

A Casa Estrela é uma das referências mais interessantes e curiosas para entender a história do comércio da Vila Operária e da própria cidade. Quando surgiu, possivelmente no final dos anos quarenta, estava do outro lado da rua. O português, que havia imigrado de Banho do Centro – uma vila incrustada bem no meio de seu país, onde vivia de comprar ovos para revender em Lisboa –, comprou o terreno de um funcionário da Fujiwara e, no começo da década de sessenta, levantou a construção de alvenaria. O então prefeito João Paulino Vieira Filho, seu amigo, fez questão de assentar a pedra fundamental. “Sempre que ele vinha à Vila Operária, aproveitava para fazer uma visita”, conta o comerciante. Nessa época, praticamente todo o comércio da Vila se estabelecia em edificações de madeira.

Silva casou-se com dona Matilde, também portuguesa, e nunca mais saiu dali. Além de Sérgio, eles têm duas filhas. Se os clientes de hoje pudessem voltar no tempo, veriam que a casa continua exatamente a mesma.

Quem são os clientes da Casa Estrela atualmente? João da Silva diz que o movimento anda meio fraco, mas ainda dá para se

manter. Bom mesmo foi nos anos cinquenta, sessenta e até setenta, quando à clientela do bairro se misturava o povo do sítio. O perfil do público pode ter mudado ao longo das décadas, se urbanizou e ficou mais exigente. Mas quem entra na casa encontra as mesmas coisas de antes. Além dos ditos lampiões e panelas, há um pouco de tudo: cabos de enxada, cordas, ferramentas de uso doméstico, moringas, chapéus de palha, facas, vasos, tachos, varas de pescar, peneiras de museu e autênticas peças de museu, como matracas de plantar. É um misto de armazém, secos e molhados e bar, que oferece também outros itens em bebidas e alimentos – refrigerantes, cachaça, cerveja, vinho, arroz, feijão, enlatados, frios, conservas e, não duvide, peixes salgados em pequenos caixotes, que ficam expostos sobre o balcão. Têm de tudo, até naftalina e sapatos do tipo conga, que parecem ter saído de um anúncio antigo.